



Fraternidade Leigos Cavanis
Casa Sagrado Coração, INSTITUTO CAVANIS
Via Col Draga – POSSAGNO (TV)

MOSTEIRO INVISÍVEL

04.2023

Enquanto trabalho no texto que utilizaremos para renovar os nossos vínculos invisíveis de comunhão, tenho ainda no coração o eco do extraordinário Evangelho do IV Domingo da Quaresma, no qual nos é proposto, com extraordinária intensidade, o grande tema joanino da luz, símbolo claramente cristológico, mas ao mesmo tempo eclesial e sacramental. De fato, o episódio narrado por João foi relido pelos Padres como ícone do caminho batismal, tanto que na tradição oriental o próprio batismo é chamado com o termo «iluminação», isto é, a abertura, através da fé, ao dom da luz que é Cristo. O milagre narrado por João e, em particular, o encontro progressivo entre o cego e Jesus, através da dinâmica da passagem das trevas para a luz, torna-se símbolo da fé como descoberta do rosto de Cristo e da adesão a Ele. O ponto de chegada da fé exprime-se no diálogo final e no maravilhoso encontro entre Jesus e o cego curado. Jesus, voltando à cena depois da longa discussão entre os fariseus e o cego, toma a iniciativa, procurando aquele que ele havia curado. E a observação é significativa: «*Ele sabia que o tinham expulsado*» (v. 35). O homem, na sua solidão e marginalização, tem a possibilidade de encontrar alguém que dá sentido à sua vida: Jesus. "*Crês no Filho do homem?*" (v. 35). A pergunta de Jesus mostra que o cego ainda não conhece a identidade daqueles que estão diante dele: ele intuiu alguma coisa, fez um caminho, mas agora é exigido um salto qualitativo dele. Ele vê, mas, paradoxalmente, ainda não vê. É a qualidade de ver que precisa ser aprofundada. Este salto qualitativo é dado pelo verbo 'crer': "*Você crê... e quem é... para que eu creia nele?*" (v. 36). «*Tu o viste: é aquele que fala contigo*» (v. 37). Me alegro de pensar que esta imagem reflete não só a situação interior e pessoal de cada um, mas também a da nossa Fraternidade. O cansaço da nossa vida associativa e o cansaço do caminho assemelham-se, de certo modo, a uma forma de cegueira que, no entanto, o encontro com Cristo e, sobretudo, a nossa fé n'Ele, podem curar. Peçamos ao Senhor que ilumine a consciência da nossa chamada ao serviço e da nossa adesão ao carisma de P. António e de P. Marco Cavanis. Maria, Rainha e Mãe das Escolas da Caridade, rogai por nós.



Do Evangelho segundo João (Jo 9, 1-37)

Naquele tempo, ao passar, Jesus viu um homem cego de nascença. Os discípulos perguntaram a Jesus: “Mestre, quem pecou para que nascesse cego: ele ou os seus pais?”

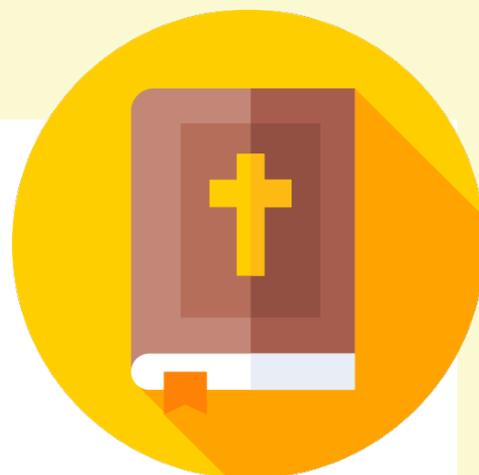
Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas isso serve para que as obras de Deus se manifestem nele. É necessário

que nós realizemos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia. Vem a noite, em que ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, eu sou a luz do mundo”. Dito isso, Jesus cuspiu no chão, fez lama com a saliva e colocou-a sobre os olhos do cego. E disse-lhe: “Vai lavar-te na piscina de Siloé” (que quer dizer “Enviado”).

O cego foi, lavou-se e voltou enxergando. Os vizinhos e os que costumavam ver o cego – pois ele era mendigo – diziam: “Não é aquele que ficava pedindo esmola?” Uns diziam: “Sim, é ele!” Outros afirmavam: “Não é ele, mas alguém parecido com ele”. Ele, porém, dizia: “Sou eu mesmo!” Então lhe perguntaram: “Como é que se abriram os teus olhos?” Ele respondeu: “Aquele homem chamado Jesus fez lama, colocou-a nos meus olhos e disse-me: ‘Vai a Siloé e lava-te’. Então fui, lavei-me e comecei a ver”. Perguntaram-lhe: “Onde está ele?” Respondeu: “Não sei”.

Levaram então aos fariseus o homem que tinha sido cego. Ora, era sábado o dia em que Jesus tinha feito lama e aberto os olhos do cego. Novamente, então, lhe perguntaram os fariseus como tinha recuperado a vista. Respondeu-lhes: “Colocou lama sobre meus olhos, fui lavar-me e agora vejo!” Disseram, então, alguns dos fariseus: “Esse homem não vem de Deus, pois não guarda o sábado”. Mas outros diziam: “Como pode um pecador fazer tais sinais?” E havia divergência entre eles. Perguntaram outra vez ao cego: “E tu, que dizes daquele que te abriu os olhos?” Respondeu: “É um profeta”. Então os judeus não acreditaram que ele tinha sido cego e que tinha recuperado a vista. Chamaram os pais dele e perguntaram-lhes: “Este é o vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como é que ele agora está enxergando?” Os seus pais disseram: “Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego. Como agora está enxergando, isso não sabemos. E quem lhe abriu os olhos também não sabemos. Interrogai-o, ele é maior de idade, ele pode falar por si mesmo”.

Os seus pais disseram isso porque tinham medo das autoridades judaicas. De fato, os judeus já tinham combinado expulsar da comunidade quem declarasse que Jesus era o Messias. Foi por isso que seus pais disseram: “É maior de idade. Interrogai-o a



ele”. Então, os judeus chamaram de novo o homem que tinha sido cego. Disseram-lhe: “Dá glória a Deus! Nós sabemos que esse homem é um pecador”. Então ele respondeu: “Se ele é pecador, não sei. Só sei que eu era cego e agora vejo”. Perguntaram-lhe então: “Que é que ele te fez? Como te abriu os olhos?” Respondeu ele: “Eu já vos disse, e não escutastes. Por que quereis ouvir de novo? Por acaso quereis tornar-vos discípulos dele?” Então, insultaram-no, dizendo: “Tu, sim, és discípulo dele! Nós somos discípulos de Moisés. Nós sabemos que Deus falou a Moisés, mas esse não sabemos de onde é”. Respondeu-lhes o homem: “Espantoso! Vós não sabeis de onde ele é? No entanto, ele abriu-me os olhos! Sabemos que Deus não escuta os pecadores, mas escuta aquele que é piedoso e que faz a sua vontade. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se esse homem não viesse de Deus, não poderia fazer nada”. Os fariseus disseram-lhe: “Tu nasceste todo em pecado e estás nos ensinando?” E expulsaram-no da comunidade. Jesus soube que o tinham expulsado. Encontrando-o, perguntou-lhe: “Acreditas no Filho do Homem?” Respondeu ele: “Quem é, Senhor, para que eu creia nele?” Jesus disse: “Tu o estás vendo; é aquele que está falando contigo”. Exclamou ele: “Eu creio, Senhor!” E prostrou-se diante de Jesus.

**"Ainda é possível
iniciar processos de
transformação e
mudança?"**

*www.cavanis.org (27.02.23) -
Pe. Diego Spadotto, CSCh*



Ocupamos muitos "espaços", mas não calculamos bem a velocidade do "tempo" que passa, investimos na "quantidade" das obras/atividades/casas/comunidades e não na qualidade espiritual das pessoas destinadas a essas obras, na sua identidade carismática e na sua real capacidade de serem "bons administradores dos bens do Senhor". Multiplicamos as "obras" sem formar "homens de governo" e formadores, capazes de governar e credíveis para a autoridade. Agora a conta a pagar chegou. Como os discípulos de Emaús, «esperávamos que», estamos desiludidos e perdidos.

"A messe (juventude) é abundante, mas há poucos trabalhadores" e estes não estão interessados na "colheita". O que acontece em nossa congregação é comum a toda a vida religiosa, "espaços" se fecham, se "recicla" pessoas. Tudo inútil, se não forem iniciados processos de mudança na formação e de transformação dos "espaços" em plena fidelidade ao carisma.

Na Igreja, todos os religiosos são chamados a enfrentar os problemas emergentes do nosso tempo ligados à gravidade da situação das crianças e dos jovens nos países onde estão em missão: a falta de sensibilidade e de formação espiritual nas famílias; o impacto das novas tecnologias; a realidade escolar e a integração para garantir a liberdade de educação; o abandono escolar; a relação entre formação e inserção profissional; o mundo universitário como um dos espaços mais importantes de encontro com os jovens; o vasto campo da cultura.

O maior desafio é interceptar a questão da espiritualidade que surge das novas gerações, seja nos países ricos quanto nos economicamente mais pobres e explorados, onde se extinguiu a esperança de uma vida mais justa. O documento "Amplie sua tenda", do ano de reflexão sinodal sobre os jovens, destacou que, neste contexto de tensão internacional, os jovens são a categoria mais marcada pela perplexidade e pelo isolamento.

Como educadores, perguntemo-nos quais são os processos mais adequados para restabelecer o diálogo e a confiança com os jovens habituados a uma multiplicidade de mensagens, relações, interesses, que tornam a experiência religiosa menos relevante, entendida como pertença, participação, identificação com a comunidade eclesial.